

PANLEUCOPENIA FELINA: ETIOPATOGENIA E SINAIS CLÍNICOS EM FELINOS DOMÉSTICOS

Vitoria Maria Brito Nogueira (vitorianogueira.vm@gmail.com)

Ana Clara Farias Da Silva (fariasanaclara610@gmail.com)

Lavinia Fernandes Albuquerque (laviniaalbuquerque00@gmail.com)

Ana Julia Do Nascimento Da Conceição (anajulianascimento697@gmail.com)

Aliny Pontes Almeida (aliny.almeida@uninta.edu.br)

A panleucopenia felina (PF) é uma doença viral infectocontagiosa de felídeos causada pelo parvovírus felino (VPF), da família Parvoviridae. Frequentemente comparada com a cinomose felina pela sua gravidade sistêmica. As formas de transmissão podem ocorrer por fômites, pela via fecal-oral (mais comum), inalação de aerossóis, vetores mecânicos e transplacentária caso a mãe seja infectada durante a gestação. O vírus possui um maior potencial nocivo em gatos não vacinados, sendo capaz de acometer felinos de qualquer faixa etária. Este trabalho tem como objetivo realizar uma revisão bibliográfica acerca da etiopatogenia e sinais clínicos da panleucopenia em felinos domésticos. O estudo baseia-se em dados bibliográficos selecionados nas plataformas PubMed e Google Acadêmico, utilizando descritores relacionados ao tema, com etiopatogenia, virologia e relatos de caso sobre PF. A entrada do microorganismo no indivíduo permite a replicação inicial no tecido linfóide da orofaringe, o vírus possui tropismo por células de alta taxa de divisão celular, instalando-se, no intestino delgado e grosso, tecido hematopoiético e cerebelo.

No intestino o vírus vai desencadear destruições das criptas da mucosa intestinal o que diminuirá as vilosidades intestinais que irá desencadear uma diarreia por má absorção e levará ao aumento da permeabilidade da barreira intestinal levando a translocações bacterianas, podendo levar a um choque séptico. Adicionalmente a linfopenia é explicada devido à linfocitólise causada pelo vírus. Na medula óssea, esses patógenos se replicam e causam depleção no número de eritrócitos, megacariócitos e mielócitos, desenvolvendo o quadro de imunossupressão. Além disso, o vírus pode levar à coagulação intravascular disseminada (CID). A manifestação clínica pode ser de forma assintomática, aguda ou hiperaguda. Caso o felino não desenvolva sinais clínicos severos, o quadro pode evoluir à cura. Nos casos agudos, os principais sinais clínicos são diarreia pastosa a aquosa de odor fétido, melena, êmese, ptialismo, anorexia, letargia, febre alta, desidratação severa, dor à palpação abdominal, aumento de linfonodos mesentéricos e espessamento de alças intestinais. Nos casos hiperagudos, em cerca de doze horas e os animais podem apresentar hipotermia, desidratação severa e coma, com quadro de choque séptico. Dessa forma, a mortalidade da população de animais é alarmante, principalmente dos não vacinados. A letalidade está intrinsecamente ligada à incapacidade de resposta imunológica devido à depleção celular da medula óssea, culminando frequentemente em sepse e óbito. O diagnóstico precoce, o manejo sanitário e o suporte intensivo são cruciais, embora a prevenção vacinal continue sendo a estratégia mais eficaz para o controle da doença.

Palavras-chave: doenças infecciosas; gastroenterite viral; parvoviridae; virologia.